

MOACYR SCLIAR

Eu vos abraço, milhões



Copyright © 2010 by Moacyr Sciliar

Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Victor Burton

Foto de capa

<completar>

Edição

Heloisa Jahn

Preparação

Eliane Santoro

Revisão

Marise S. Leal

Carmen S. da Costa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sciliar, Moacyr

Eu vos abraço, milhões / Moacyr Sciliar. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1739-0

1. Ficção brasileira I. Título.

10-08381

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

De uma coisa posso me orgulhar, caro neto: poucos chegam, como eu, a uma idade tão avançada, àquela idade que as pessoas costumam chamar de provecta. Mais: poucos mantêm tamanha lucidez. Não estou falando só em raciocinar, em pensar; estou falando em lembrar. Coisa importante, lembrar. Aquela coisa de “recordar é viver” não passa, naturalmente, de um lugar-comum que jovens como você considerariam até algo meio burro: se a gente se dedica a recordar, quanto tempo sobra para a vida propriamente dita? A vida, que, para vocês, transcorre principalmente no mundo exterior, no relacionamento com os outros? Esse cálculo precisa levar em conta a expectativa de vida, precisa quantificar (como?) prazeres e emoções. É difícil de fazer, exige uma contabilidade especial que não está ao alcance nem mesmo das pessoas vividas e supostamente sábias. Que eu saiba, não há nenhum programa de computador que possa ajudar — e, mesmo que houvesse, eu não saberia usá-lo, sou avesso a essas coisas. Vejo-me diante de uma espinhosa tarefa: combinar muito bem a vivência interior, representada sobretudo pela re-

cordação e pela reflexão, com a vivência exterior, inevitavelmente limitada pela solidão, pela incapacidade física, pelo fato de que tenho mais amigos entre os mortos do que entre os vivos. E, de novo, qual a fórmula adequada para essa combinação? Setenta por cento de vivência interior com trinta por cento de vivência exterior? Quarenta por cento de interior com sessenta por cento de exterior? O clássico meio a meio? Ou quem sabe quarenta e cinco por cento de cada — os dez por cento que sobram ficando reservados para aquele misterioso e indefinido território que não é nem interior nem exterior, mas que pode estar em cima, embaixo, ou em dimensão nenhuma?

Não sei. Só sei que recordar é bom, e é das poucas possibilidades que me restam, de modo que recordo. É uma espécie de exercício emocional, é um estímulo para os meus cansados neurônios, mas é sobretudo um prazer. Um prazer melancólico, de certo, mas um prazer, sim, resultante da facilidade com que evoco pessoas, acontecimentos, lugares, uma facilidade que às vezes surpreende a mim próprio. Para alguns, mesmo não muito velhos, o rio da memória é um curso de água barrenta que flui, lento e ominoso, trazendo destroços, detritos, cadáveres, restos disso ou daquilo; para mim, não: é uma vigorosa corrente de água límpida e fresca. Dos barquinhos que nela alegres navegam, lembranças, às vezes melancólicas, mas em geral risonhas, acenam-me, gentis, amistosas. Estou falando, claro, de memórias remotas, daquelas que estão ligadas à minha juventude. As coisas do cotidiano, eu as esqueço com a maior facilidade. Esqueço de apagar a luz, esqueço onde larguei o relógio, esqueço de dar a descarga no vaso sanitário, esqueço até os nomes das pessoas da casa geriátrica onde resido — por opção minha, devo dizer: meus filhos prefeririam que eu continuasse no apartamento, ou então que fosse morar com eles, coisa que recusei: não quero dar trabalho a ninguém.

Esquecer, meu neto, é um truque que a natureza usa para nos desligar aos poucos da realidade da existência. Mas não precisamos encarar esse fato como coisa inevitável, mesmo porque lembrar pode ser uma coisa agradável, particularmente quando se traduz na possibilidade de narrar recordações para uma pessoa como tu, meu neto. Considero-te especial, mesmo que nossos encontros tenham sido raros, ou talvez exatamente por causa disso. Vimo-nos cinco ou seis vezes, não mais, e sempre rapidamente. Eu sabia que isso iria acontecer: quando teu pai, jovem médico, foi para os Estados Unidos, tive o pressentimento de que não mais voltaria. Dito e feito: fez uma carreira bem-sucedida, casou com uma colega médica, tornou-se tão americano que até fala com sotaque. Só retornava esporadicamente e por curtos períodos. Alegava que tinha compromissos, mas o fato é que aparentemente não se sentia muito bem aqui. Por quê, não sei, e nunca lhe perguntei. As relações entre pais e filhos muitas vezes estão envoltas em bruma misteriosa, na qual realidade e fantasia se misturam. Eu mesmo pouco posso te dizer de minha mãe (com quem, no entanto, convivi bastante e numa fase difícil de minha vida), e menos ainda de meu pai. Espero que entre nós seja diferente, e a carta que me mandaste reforça essa expectativa. Aliás, parabéns pelo teu português. Para quem nasceu e se criou nos Estados Unidos, é excelente. Teu pai se preocupou em te manter ligado às tuas raízes brasileiras, coisa que sempre admirei.

Numa carta (que gostarias fosse um e-mail, mas, como te disse, não sei usar essas coisas) tu me perguntaste se sou feliz. Uma indagação casual, uma curiosidade, ou o resultado de uma inquietude de neto? Prefiro acreditar nesta última possibilidade: afinal, e, como já dissesse mais de uma vez, estás em busca de tuas origens e queres saber tudo sobre mim. Talvez estejas, na

verdade, te indagando se tu próprio és, ou podes ser, feliz, se a felicidade está embutida no genoma que te leguei. Inquietação legítima, mas, no meu caso, a pergunta soa um tanto absurda. Pode-se dizer feliz, um macrório como eu? Se sim, quais os critérios para definir felicidade, em tal precária situação? O simples fato de estar vivo, razoavelmente lícido e de poder ainda saborear uma costela gorda, mesmo com dentadura postiça, de poder tomar chimarrão?

De qualquer modo, tua pergunta me fez pensar. E, tendo pensado a respeito, acho que posso responder afirmativamente: sim, sou feliz. *Quão* feliz? Que nota eu atingiria na escala de felicidade, se é que tal coisa existe? Dez sei que não, mas do zero também escapo. E acho que estou acima de cinco, acima da média; se houvesse um exame vestibular de felicidade, provavelmente eu nele passaria; arranhando, mas passaria. Descontada a inevitável angústia — parte existencial, parte neurose propriamente dita (a velhice não nos poupa disso) —, acho que na maior parte do tempo sou razoavelmente feliz. Poderia ser mais feliz, se não tivesse essas dores pelo corpo, se escutasse melhor, se enxergasse melhor... se urinasse melhor já seria uma coisa muito boa. Eu queria, meu neto, que minha urina fluísse impetuosa e alegre como o rio da memória de que te falei antes. Mas a próstata, meu caro, a próstata de um idoso é qualquer coisa de inimaginável em termos de obstáculo e de transtorno. “Crescei e multiplicai-vos”, disse Deus, e a próstata segue esse ditame à sua maneira; não pode multiplicar-se, a não ser através das metástases de um câncer, o que seria, contudo, contraproducente, porque poderia levar ao óbito o corpo que a aloja; mas “crescei” — por que não? Todos querem crescer, sobretudo os empreendedores, e a próstata, a minha pelo menos, é, antes de tudo isso, uma ambiciosa empreendedora. Seu sonho é, mediante um processo de imperialismo biológico, expandir-se, rechaçando para a peri-

feria o frágil, inócuo, descartável portador, o portador em quem o destino a colocou, reduzindo-o a um gnomo enfezado, grotesco, um ser encarquilhado e atrófico que por algum tempo, e antes de desaparecer por completo, servirá de suporte para a descomunal e arrogante glândula. Que agora nem sequer tem a ver com reprodução (“Chega de fornecer o substrato para teus mal-ditos espermatozoides, velho de merda, espermatozoides que aliás nem mais existem, tua semente de há muito se extinguiu”), e menos ainda com sexo; tem a ver com vida, sim, mas na sua expressão mais primitiva e brutal. No fundo, é uma ressentida, a próstata. Acha que lhe foi atribuído um papel secundário na vida sexual: a mão acaricia, a boca beija, o pênis penetra; a próstata trabalha em silêncio; ademais, é invisível. Mulher alguma dirá para o amado: “Que bela próstata tu tens, querido, nunca vi próstata tão bela”.

Isso não justificaria, claro, os rancores glandulares. O anonimato só é problema em caso de hipertrofia do ego, não de hipertrófia prostática. A próstata deveria saber que o prazer do orgasmo, aquele clímax da paixão, resulta, em boa parte, da passagem pela uretra da onda espermática, em grande parte nela, próstata, gerada. Alguns dos decibéis do *Aaah* que então emitimos (emitíamos, no caso da minha categoria geriátrica) certamente são atribuíveis a isso. É o que tento explicar, nos diálogos que com a próstata frequentemente mantenho. Apelo à sua compreensão e solidariedade, lembro que afinal formamos uma entidade, e que, revoltando-se contra mim, ela só tem a perder, como só tinham a perder os órgãos que, no apólogo narrado por Menênio Agripa aos rebeldes plebeus de Roma, revoltaram-se contra o estômago, isto no quase quinhentos anos antes de Cristo. É claro que Menênio Agripa estava usando o corpo biológico como metáfora para o corpo social, com o único propósito de convencer os revoltados a aceitar o domínio da aristocracia ro-

mana; porém foi, reconheçamos, hábil na escolha dessa metáfora. No apólogo, os órgãos aceitaram a argumentação (e os plebeus também), mas a próstata, talvez porque me falte a habilidade do político romano, recusa-se a negociar. O que quer, a maldita, é mandar; quer a hegemonia, tem vocação imperial. E infelizmente acaba conseguindo seu objetivo. A próstata de fato domina os macróbios, e expressa esse domínio retendo a urina, fechando as comportas da imaginária represa que separa os líquidos do corpo dos líquidos do mundo, teoricamente uma unidade líquida, teoricamente a unidade fundamental. Como diziam (e a comparação, admito, é irônica) os revolucionários na guerra civil da Espanha: *no pasarán*, os líquidos que elaboramos; ficarão presos, se possível para sempre. Para os prostáticos, urinar representa uma incógnita (“Conseguirei?”), quando não um sofrimento, e até uma humilhação: o jato é fino, é fraco, é hesitante, é tímido, é medroso; às vezes reduz-se a um lamentável gotejamento. Há, no meu baixo-ventre, um permanente conflito: a bexiga, ainda elástica e impaciente, quer esvaziar-se da urina que a distende de forma grotesca; a próstata não deixa. E é a próstata que tem a última palavra. Impõe-se pelo tamanho, pela consistência. Ah, como eu gostaria de urinar, de urinar muito, de produzir uma torrente caudalosa de mijo, uma torrente capaz de encher o vaso, de inundar o banheiro, a casa, a cidade, o mundo, de criar um novo dilúvio, não destruidor como aquele a que só Noé, sua família e seus bichos sobreviveram; não, um dilúvio cálido, amável, um dilúvio em que todos pudessem navegar, fosse em seus caíques, fosse em seus iates; fosse em suas jangadas, fosse em transatlânticos (que volte o *Titanic*, será bem-vindo). É só o que eu quero, é a minha única e modesta ambição. Para muitos a realização é o dinheiro, o poder, a fama; eu só almejo urinar sem problemas. Mas a próstata, enigmática e implacável, não o permite. A próstata não é Deus, mas a próstata pretende-se Deus, e

não descansará enquanto não o conseguir, enquanto não chegar ao poder absoluto. O sonho da próstata é sobressair, majestosa, sobre o território corporal, como o Corcovado sobre a baía da Guanabara (e logo entenderás a razão desta comparação). Mais que isso: as próstatas querem se unir. É parte de seu plano de dominação universal. Independentemente do lugar onde estejam, ao sul, ao norte, a leste, a oeste, nos trópicos ou nos polos, no campo ou na cidade, elas crescerão tanto, se expandirão de tal maneira, que, ultrapassando pela violência qualquer limite corporal (“Carcaça nenhuma nos aprisionará”), acabarão se encontrando. E aí: fusão, a formação de uma única, amorfá e descomunal massa prostática, que, estendendo-se vencedora sobre o mundo inteiro, destruindo vilas e cidades, subindo montanhas e penetrando em cavernas, gerará o planeta Próstata, precursor do universo Próstata. Nenhum toque retal nos alertará para essa possibilidade, nenhuma cirurgia, por radical que seja, a evitará.

Este domínio resultante da simples presença (estou aqui, obedeçam) é o sonho de qualquer tirano. Não se trata de um projeto revolucionário, “Próstatas de todo o mundo, uni-vos, nada tendes a perder a não ser a situação humilhante a que, por milênios, vos relegou a chamada humanidade”; não, nenhuma próstata-líder formulou tal consigna, que para mim, particularmente, seria até consoladora, ou pelo menos nostálgica, como adiante verás. Infelizmente trata-se de algo pior, muito pior; trata-se de uma aspiração intrínseca à natureza da glândula, jamais traduzida em palavras, muito menos em lemas. E talvez não chegue sequer a ser perversa, essa aspiração; talvez seja coisa natural, orgânica, a ampliação pura e simples do desejo darwiniano de sobrevivência, da lei do mais forte. Daí minha resignação.

Essa irresistível tendência para o gigantismo imperialista que caracteriza a próstata senil contrasta com a miniaturização da existência que ocorre na velhice. Coisas pequenas, minúsculas,

passam a ter significado transcendental. Onde deixei a chave? Será que não pus muito sal na sopa? Aquele livro na prateleira está em posição adequada ou deveria estar mais para a esquerda, mais para a direita? Dúvidas que geram conflitos dilacerantes, raiva, frustração. Mesmo porque só pensamos nas coisas pequenas para não ter de pensar nas coisas maiores, questões tipo: qual o sentido da vida?, e: quanto tempo me resta?

Mas chega dessas ruminações desagradáveis e malucas. Deixa-me contar algo de minha vida. Velhos gostam disso, de falar sobre o passado, principalmente quando, como no meu caso, há muito a dizer sobre esse passado, e quando existe alguém como tu, interessado no que contamos. Mesmo porque, meu querido neto, temos convivido tão pouco, que não sabes quase nada sobre mim, assim como eu não sei quase nada sobre ti. Lembro bem tua vivacidade, teu riso fácil, teus comentários inteligentes sobre vários assuntos; mas ignoro quase tudo acerca da vida que levas, tuas atividades, teus amigos, tuas namoradas. Em suma, és o meu neto enigmático, pois com os outros convivo bastante. Por outro lado, e já que queres saber de mim, aqui vão algumas coisas sobre este teu distante avô, coisas que, espero, te interessarão.

Nasci no interior do Rio Grande do Sul, nos arredores da cidade de Santo Ângelo, nas Missões. Região histórica: lá, no século dezessete, os jesuítas reuniram os guaranis para uma inusitada experiência de vida religiosa e comunitária; lá, portugueses, espanhóis e índios travaram batalhas sem fim, batalhas que acabaram por extinguir as reduções missionárias. É uma região de imensas planícies e vastos horizontes. Acho que esse lugar de alguma maneira condicionou meu destino, tanto pela história (que eu conhecia bastante, desde criança: mais de uma vez, com

meus colegas de escola, visitei as ruínas das Missões, e depois li muito a respeito), como pelo belo, inspirador cenário geográfico: planície imensa, coxilhas, vastos horizontes. Vastos, ainda que imprecisos. Vastos, ainda que enigmáticos. Vastidão e enigma: isso deve ter fascinado os jesuítas quando ali chegaram, como até hoje fascina os visitantes. Mas eles não vieram admirar a paisagem, vieram com uma missão, catequizar os indígenas, e disso resultaram povoações e depois cidades, como a de Santo Ângelo. A verdade é que foram corajosos, aqueles padres. À época o Brasil era basicamente o litoral, e dali os portugueses, que como caranguejos (para usar a comparação de Frei Vicente do Salvador) ficavam teimosamente junto ao mar, não queriam sair, com medo de penetrar num território desconhecido e hostil. Anchietta escrevia seus versos na areia da praia; as ondas desfaziam-nos, mas afinal eram apenas versos, e era praia, e era o mar azul, e do outro lado do mar estava Portugal. Nas Missões o mar era uma abstração; as coxilhas talvez evocassem as ondas do oceano, e evocavam, mas ao fim e ao cabo aquilo era terra. Uma terra na qual a fé tinha de lançar raízes, e disso os jesuítas se encarregaram. E aí surgiram as igrejas, as casas de pedra, as cidades guaranis, das quais dão testemunho agora as ruínas.

Era um belo lugar para passar a infância, mas a verdade é que o cotidiano de nossa família não era fácil. Morávamos numa casa pequena, no meio do campo; não tínhamos água corrente nem luz elétrica — a iluminação dependia dos lampiões a querosene. E olha que nossa moradia era bem melhor do que os ranchos da peonada: meu pai era o capataz daquela estância. Pobre pai, pobre homem; a vida dele, curta vida, poderia ser resumida em duas palavras: lutou, sofreu. Lutou muito, sofreu muito. De família pobre, não cursou escola, mal sabia ler e escrever. Em raros momentos, contudo, passava por uma rápida e extraordinária transformação. Quando montava a cavalo, por exemplo.